

CARA DE NOVO...

VELHAS MENTIRAS

DE QUE LADO SEMPRE ESTEVE O GOVERNO LEITE?

Ao longo dos seus mais de três anos como Governador, Leite não apresentou nada de novo! Apenas repetiu a velha fórmula neoliberal da destruição do Estado, com as privatizações, os ataques ao serviço público e aos servidores e servidoras.

A verdade sobre Leite, que apareceu como uma "cara nova", é que ele é o mesmo velho de sempre: trabalha para a elite e dá as costas para o povo, igualzinho ao Bolsonaro e Guedes. Na essência, não tem diferença alguma. Por isso Leite é tão responsável quanto eles pela destruição que passa nosso país e o Estado.

Agora, sua renúncia revela uma sede desmedida pelo poder. Acha que pode ser a melhor marionete para servir ao "deus mercado". Além de manobra eleitoreira, é uma fuga política frente às suas responsabilidades perante a população. Leite deixa de herança, assim como Britto havia deixado, um Estado cada vez mais endividado e precário, omisso diante da crise da estiagem, dos prejuízos já sentidos pelas privatizações - como a da CEEE, omisso diante do aumento da miséria e das desigualdades.

Eduardo Leite entrou como "a cara nova" e saiu como inimigo declarado dos direitos do povo.

6% É DEBOCHE

A notícia de que o Eduardo Leite, aquele que renuncia mas segue governando, oferecerá apenas 6% de reposição salarial para funcionários de escola e funcionalismo público em geral é um deboche, uma maldade. Unidos faremos a luta pela reposição justa aos trabalhadores e as trabalhadoras.



REPOSIÇÃO JÁ!

É de amplo conhecimento de toda a sociedade gaúcha a grave situação econômica da categoria: professores, funcionários e aposentados. Os dados do Estado mostram que é possível sim repor as perdas inflacionárias acumuladas desde 2014.

No entanto, Leite suga ainda mais a categoria através da manipulação e da mentira: usou da Lei do Piso para excluir funcionários; atacou mais uma vez o Plano de Carreira ao conceder reajuste escalonado e diferenciado aos professores; não honrou o compromisso de abranger os aposentados sem paridade na sua política salarial, mantendo seus vencimentos congelados.

Foi um ato cruel e desumano, típico dos políticos que rezam pela cartilha neoliberal e desprezam o esforço de milhares de trabalhadores e trabalhadoras para construir uma educação de qualidade.

Vamos manter firmes a luta pela reposição salarial para todos e todas, fazendo justiça àqueles cuja vida se confunde com a escola e formam as gerações presentes e futuras.

EM DEFESA DO IPE SAÚDE

O anúncio de descredenciamento de hospitais com o IPE Saúde deve ser tratado com a máxima prioridade e responsabilidade. Os segurados do IPE Saúde, principais contribuintes para a sustentação do sistema, denunciam a política de descaso e sucateamento - cujo objetivo é a privatização - e exigem do Governo do Estado uma resposta quanto ao problema que atinge mais de um milhão de gaúchos e gaúchas.

A fala do novo presidente do IPE Saúde, ao invés de sinalizar para uma solução, vai no sentido contrário: corte de despesas, ou seja, mais sucateamento.

A solução política e econômica que garante o direito à saúde dos beneficiários e fortalece sua sustentabilidade, passa pelo incremento das receitas, especialmente pela reposição dos salários congelados nos últimos sete anos.

O NOVO QUE JÁ NASCE VELHO. NÃO AO NOVO ENSINO MÉDIO!

Por trás do discurso e da propaganda, uma verdade: o NEM representa o empobrecimento pedagógico, a precariedade curricular, a desqualificação profissional e o privatismo educacional.

Serve para oferecer um modelo de educação precário aos estudantes de escola pública, atacar os trabalhadores em educação na sua capacidade de formulação e no seu efetivo emprego e abrir as portas do inferno para todo tipo de privatização.

A Reforma do EM, feita sob o governo golpista de Temer, apoiado por Bolsonaro e Leite, significa uma oferta pedagógica miserável e doutrinária aos educandos, ensinando a resignação, a submissão e a conservação do lugar na hierarquia social injusta, desigual e opressora.

Impede a plenitude da cidadania, dos direitos e deveres, e da participação nos temas públicos e políticos. Quanto aos trabalhadores e trabalhadoras em educação, é preciso defender suas prerrogativas intelectuais e didáticas, bem como seu emprego e profissionalização.

Vamos dizer "não" a visão mercadológica, privatista e operacional de educação a serviço do capital e das ideologias dominantes.